

Cicatrizes da beleza e da dor: Sobre as mulheres que convivem com alopecia androgenética e suas variantes.¹

Eduardo Pereira Monteiro (PPGAS-UFAM)

Palavras-Chave: Identidade; Corpo; Cabelo.

Situando brevemente esse estudo

O presente estudo parte de uma perspectiva de dados levantados via online a partir de um formulário em um determinado fórum/grupo da rede social Facebook integrante da Plataforma Metaverso, cujo objetivo do grupo é criar alianças e redes de afeto, troca de informações sobre o tratamento das alopecias, compartilhar medos e, também, traumas. O grupo se caracteriza como um espaço de socialização virtual para que mulheres não apenas de todas as regiões do Brasil, mas fora, como por exemplo Portugal, façam essas trocas. É um grupo fechado contendo mais de 5 mil mulheres e uma de suas regras elementares é que, para adentrar ao grupo, seja especificamente mulher e, também possuir alopecia ou ter interesse sobre.

Antes de mais nada, devo me situar nesse estudo. Enquanto antropólogo que habita um corpo cisgênero e branco, mesmo que LGBTIA+, esse espaço de socialização claramente não me é um lugar que devo coabitar. Entretanto, ao entrar em contato com uma das administradoras e lhe explicar os motivos que me levaram a encontrar tal grupo e o interesse de adentrar nele para entender a realidade da troca e do espaço entre essas mulheres, me foram possibilitados o aceite e a divulgação ampla do formulário entre as mulheres ali presente, onde também me apresentei como tal, um membro temporário.

O formulário em questão visa traçar o perfil dessas mulheres, onde habitam no Brasil ou fora dele, o perfil socio-racial, as condições de tratamento e estratégias médicas para as alopecias que essas interlocutoras possuem e se essas interlocutoras foram inicialmente,

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizado entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

diagnosticadas por uma ou uma profissional médica/o habilitada/o para esse tipo de exame. Um fator que chama atenção dos resultados desse formulário que ao decorrer desse texto que chama a atenção, são as narrativas similares que parecem surgir nas falas das interlocutoras, que aqui, não serão de forma alguma identificadas.

No microuniverso que é esse formulário, foram captadas respostas de 13 contribuintes. Dessas 13 mulheres que contribuíram para essa pesquisa, 4 delas possuem entre 18 e 25 anos, que corresponde a 30,8%; 2 das interlocutoras encontram-se na faixa entre 25 e 35 anos, o que equivale a 15,4%; 5 delas possuem entre 35 e 50 anos, equivalendo a 38,5% e 2 interlocutoras encontram-se na faixa entre 50 anos ou mais, que também equivale a 15,4%, conforme o gráfico mostra abaixo:

13 respostas

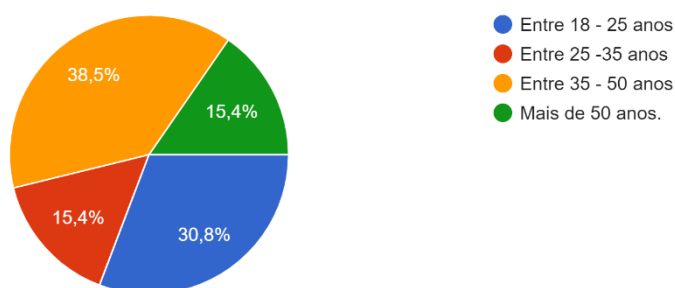


Figura 1 Gráfico ilustrativo sobre a faixa etária das contribuintes do estudo, que constituem 100% ao fim.

Dessas 13 interlocutoras, conforme os dados levantaram se identificam como mulheres cisgênero, totalizando 100% das respostas, conforme o gráfico abaixo:

13 respostas



Figura 2 Gráfico ilustrativo da representação de identidade de gênero das participantes.

Nestes dados e estando no grupo vendo sua movimentação diária entre comentários e *posters*, não tive a oportunidade de identificar perfis de outros tipos de mulheres, acredito que isso também deva refletir nos dados acima demonstrados.

Outra questão pertinente que aqui demonstro também em gráfico é a identificação étnico-racial desses perfis, sendo eles 69,2% de mulheres que se autodeclararam brancas e apenas 30,8% se autodeclararam pretas, vejamos a seguir:

13 respostas

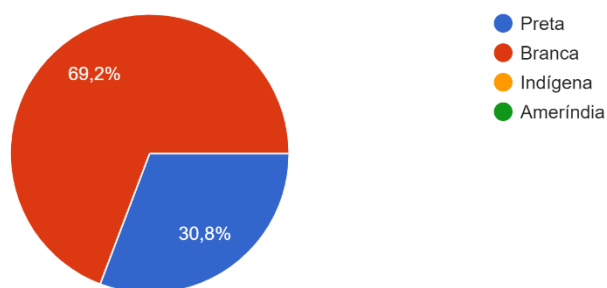


Figura 3 Gráfico ilustrativo das autodeclarações étnico-raciais.

As porcentagens apresentadas acima, equivalem a dizer que, 9 das participantes se autodeclararam brancas e apenas 4 delas se autodeclararam pretas. E aqui, torno a dizer que, acompanhando o movimento do grupo, não foi possível identificar perfis étnico-raciais de mulheres autodeclaradas indígenas ou que reivindicam uma identidade ameríndia. Nessa amostragem espectral não mostrar esses perfis, pode ser que haja tais que não aparecem no gráfico, mas por questões de adesão a responder o formulário, ou até mesmo uma entrega maior a diversos perfis pelo algoritmo da plataforma, a elas pode não ter chegado.

Enfrentando um novo universo etnográfico

Os novos espaços para a antropologia enquanto novas ações para pesquisa de campo, tem expandido muito rapidamente. Em 2008 com o boom! Das redes sociais, inicialmente com o *Orkut*, pode-se perceber que as comunidades de grupos culturais que antes reuniam-se apenas fisicamente, em espaços específicos tais, começaram a traçar novos métodos de encontrar-se e expandir seus grupos, dessa forma alcançando novos membros para seus grupos de diversas localidades. Foi o que percebeu Alberto Calil Júnior (2008) ao trabalhar em um artigo etnográfico sobre o mundo espírita no mundo virtual.

Para Calil, esse caminho tecno-virtual que as comunidades têm aproveitado e usado como ferramentas para manter seus grupos e ciclos sociais vividos, é talvez por onde as novas culturas passarão. E certamente podemos perceber esse processo hoje, com estouro das mídias sociais globalizadas tais como o Metaverso que engloba as redes *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *Onavo*.

Ao moldarmos a etnografia a esses novos espaços virtuais, somos forçados a criar métodos e teorias, isso significa um progresso científico e, também metodológico da antropologia e da etnografia enquanto práticas da descrição do comportamento humanos.

Pensar essas questões nos leva a questionar o que Abdel-Moneim e Sarah Grussing (2002) já questionavam, os corpos vivos que passaram a ser corpos virtuais manterão suas identidades? Nossas comunidades realmente estarão próximas? Ao pensamento nessa questão, podemos corroborar o pensamento dos autores sobre o movimento Zaparista no México, pudemos perceber que no mundo, especialmente no Brasil, desde 2018, o uso das redes sociais, tem criado interações virtuais que transpassam o espaço virtual e vem para o mundo real, como pudemos ver as organizações do 8M e outras manifestações no Brasil.

O trabalho desenvolvido por Daniel Miller e Don Slater em *Cibercafés em Trinidad* e sobre os conceitos de *on-line* e *off-line* entre os jovens das novas gerações do século XXI, tem exigido da antropologia novas metodologias que se adequem as novas realidades. Será que apenas o *off-line* está sendo suficiente para descrever as culturas? Eis o cerne central e instigante, a chave sobre essa nova antropologia cibernética.

Os corpos são também seus detalhes

Estudar mulheres e seus corpos, é também, especialmente, estudar a relação que essas mulheres constroem com seus cabelos e como a presença ou a ausência dele, tem efeitos na autoestima delas. É sabido que em muitas culturas, principalmente a nossa, o cabelo cumpre um papel de preenchimento performático de padrões de gênero. Para Butler:

Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero, requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa “ação” é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a *performance* é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária – um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito. (BUTLER, 2017 p.242, grifos da autora).

A sujeição ao padrão de gênero que se expressa pelo cabelo, abre margem também para o questionamento em que, para além dessa performance que sabemos que existe em nossa sociedade, o cabelo cumpre. E quando o cabelo expressa para além da identidade, a própria autoestima da mulher? Segundo Bianca Santana,

O cabelo é um elemento central na vida das mulheres. Ele é, ao mesmo tempo, expressão de características pessoais e sociais. Pessoais, tanto no sentido de possuir determinações genéticas como na possibilidade de se moldar às preferências individuais. Sociais porque, ao ser exibido publicamente, influencia nas percepções e relações sociais de quem o exibe, e por estar subordinado (ou não) a determinados padrões culturais — que influenciam muito das preferências individuais (SANTANA, 2014, p.134, grifos da autora).

Segundo o pensador francês Michel Foucault, o corpo e a subjetividade dos sujeitos são perpassados por ações e discursos do poder para que sejam disciplinados e docilizados. É dentro de uma lógica de uma economia positiva que o corpo é localizado, essa economia tem por objetivo extrair e explorar o máximo possível que o corpo pode oferecer (FOUCAULT, 2013, p. 148), o autor complementa: “ora, por meio dessa técnica de sujeição, um novo objeto vai-se compondo e lentamente substituindo o corpo mecânico – o corpo composto de sólidos e comandado por movimentos, cuja imagem tanto povoara os sonhos dos que buscavam a perfeição disciplinar.” (FOUCAULT, 2013, p.149).

Esse corpo mecânico que Foucault chama a atenção em *Vigiar e Punir*, ao longo do processo do poder que se manifesta de forma sutil a partir do discurso e conduz os sujeitos

a um processo de desejo expresso por ele, torna o corpo mecânico em um corpo orgânico, que passa também a ter desejos e vontades, mas que não deixa de ser guiado pelos discursos de poder. “O indivíduo é sem dúvida, o átomo fictício de uma representação “ideológica” da sociedade; mas é também uma realidade fabricada por essa tecnologia específica de poder que se chama a “disciplina” (FOUCAULT, 2013, p. 185).

Ainda nesse caminho das expressões e marcas expressas pelo corpo, Foucault em *O corpo Utópico, As Heterotopias* (2013) expressa bem o que Bianca Santana argumenta, vejamos:

O corpo é também um grande ator utópico, quando se trata de máscaras, da maquiagem e da tatuagem. Mascarar-se, maquiarse, tatuar-se não é, exatamente, como se poderia imaginar, adquirir outro corpo, simplesmente um pouco mais belo, melhor decorado, mais facilmente reconhecível: tatuar-se, maquiarse, mascarar-se é sem dúvida algo muito diferente, é fazer com que o corpo entre em comunicação com poderes secretos e forças invisíveis. Máscara, signo tatuado, pintura depositam no corpo toda uma linguagem: toda uma linguagem enigmática, toda uma linguagem cifrada, secreta, sagrada, que evoca para este mesmo corpo a violência do deus, a potência surda do sagrado ou a vivacidade do desejo. A máscara, a tatuagem, a pintura instalam o corpo em outro espaço, fazem-no entrar em um lugar que não tem lugar diretamente no mundo, fazem deste corpo um fragmento de espaço imaginário que se comunicará com o universo das divindades ou com o universo do outro. Por ele, seremos tomados pelos deuses ou seremos tomados pela pessoa que acabamos de seduzir. De todo modo, a máscara, a tatuagem, a pintura são operações pelas quais o corpo é arrancado de seu espaço próprio e projetado em um espaço outro (FOUCAULT, 2013, p.12).

Como demonstrado no pensamento do autor, a maquiagem faz parte também de certas tecnologias do modificar o corpo. Podemos entender nesse estudo, que as mulheres que convivem com alopecias diversas, se pensarmos o conceito de maquiagem corporal expressa por Foucault, em termos de estratégias para driblar a doença de outras formas, tal qual o uso de perucas, *lace* frontes, maquiagem capilar e também fármacos legalizados e liberados a partir de receituário médico, como tal.

Dialogando com as interlocutoras

Ao longo do formulário ao questionar qual fármaco tem sido recomendado pelo menos 3 fármacos reconhecidos. 12 das interlocutoras responderam que, Minoxidil, Finasterida e

Espironolactona, tem sido os principais mecanismos médicos de combater a doença em suas diversas formas. Além disso, aparecem outros fármacos como multivitamínicos manipuláveis. Antes de formular tal questão, lhes foi questionado por mim “Antes do diagnóstico da AAG/Variantes², você já tinha ouvido falar sobre? Você usou outros métodos de intervenção não receitados clinicamente por uma/um médica que trate a AAG/Variantes? Se sim, quais foram? Caso não, apenas responda "não".” Duas respostas das interlocutoras chamam a atenção pela similaridade e também pela sua alta difusão na internet, o uso do chá da folha de goiabeira.

Interlocutora 2: Sim já tinha ouvido falar. Usei um remédio sem prescrição médica chamado Pantogar e chá da folha de goiabeira.

Interlocutora 4: Sim. Usei produtos cosméticos como tônico de alho. Usei chá de folha de goiaba e alecrim, usei óleos essenciais de alecrim, Ylang Lang, cedro atlas para fazer shampoo. Usei maquiagem capilar.

Esse aspecto fitoterapêutico foi tema de investigação de mestrado de Diana Filipe Soares Pereira, intitulada “Fitoterapia nos Cuidados Capilares: Segurança e Eficácia” para a Faculdade de Ciências Farmacêuticas da Universidade de Coimbra. Ao investigar a eficácia, Diana Filipe Soares Pereira notou em uma tabela feita sobre as epidemiologias de afeções capilares que produtos a base de plantas e aqui, a goiabeira (*Psidium guajava*) e outras plantas e frutas chama a atenção, “têm sido usados na indústria cosmética e de cuidados do cabelo, em diferentes tipos de formulações que incluem óleos essenciais e extratos. De facto, mais de 1000 extratos de diferentes plantas têm sido analisados, por exemplo, para estimular o crescimento do cabelo” (PEREIRA, 2015, p.10).

Essa corroboração do estudo científico da autora supracitada, vai de encontro as narrativas e estratégias anteriores ao tratamento médico utilizado pelas interlocutoras. O que parece revelar em suas narrativas o interesse ou até mesmo um certo conhecimento eco-fitoterapêutico. Entretanto, devo lembrar aqui que, enquanto antropólogo, são

² AAG entende-se aqui como a contração da palavra *Alopecia Androgenética*, contração essa comumente utilizada na clínica médica dermatológica.

especulações baseadas em estudos científicos e que de fato o tratamento médico regular é eficaz se bem seguido e alinhado ao acompanhamento de um profissional da área médica especializado em patologias capilares.

Ainda questionadas por mim, se a queda de seus cabelos lhes afetava a autoestima, todas interlocutoras responderam que sim!:

Interlocutora 1: Sim. Meu cabelo batia na cintura e adorava o cabelo grande. Em dezembro de 2021 cortei meu cabelo bem baixinho (igual de homem, como dizem). Cortei para evitar ficar vendo tantos cabelos pela casa. (Sic.)

Interlocutora 2: Sim, pois o cabelo ajuda na autoestima. (Sic.)

Interlocutora 3: Sim, eu amo meu cabelo e me dói muito ter AAG

Interlocutora 4: Sim, como parte da minha feminilidade e beleza (Sic.)

Interlocutora 5: Sim. Faz parte do corpo humano feminino possuir cabelos (Sic.)

Interlocutora 6: Sim. Como mulher vaidosa que sou, gostaria de ter uma farta cabeleira e isso mexe com a minha auto-estima (Sic.)

Interlocutora 7: Sim. Cabelos são a moldura do rosto (Sic.)

Interlocutora 8: Na autoestima (Sic.)

Interlocutora 9: Sim sempre tive muito cabelo grosso e comprido nunca imaginei usar cabelo curtinho pq minha queda foi muito rápido em 2 meses perdi praticamente todo o cabelo (Sic.)

Interlocutora 10: Sim autoestima (Sic.)

Interlocutora 11: Sim. Trabalho com a minha imagem e preciso esconder a calvície usando perucas. A calvície me deixa muito triste e eu não me conformo. (Sic.)

Interlocutora 12: Sim, eu me sinto muito mais bonita quando meu cabelo está bonito tb (Sic.)

Interlocutora 13: Sim porque é a base estereotipada da beleza feminina. Um símbolo de feminilidade. (Sic.)

Além dos relatos sobre a autoestima ser afetada, os relatos sobre preconceitos por conter AAG/Variantes, “piadas” discriminatórias e se afetam suas autoestimas e identidade enquanto mulheres aparece fortemente, vejamos:

Interlocutora 1: Aceitar eu aceitei... Ciente de que um dia os tratamentos não farão mais efeitos. Não sofro piadas por isso. (Sic.)

Interlocutora 2: Como descobri ressentido, por enquanto está sendo normal, não sofri por piadas, mas as vezes a autoestima fica lá embaixo. (Sic.)

Interlocutora 3: Já sofri preconceito, pessoas me chamando de calva para agredir, olhares indiscretos, piadinhas. Me deixam triste, mas com o tratamento houve melhora dos cabelos e conseqüentemente da minha autoestima. Em processo de aceitação da aag. (Sic.)

Interlocutora 4: Não aceitei, me sinto muito ofendida quando comentam sobre (Sic.)

Interlocutora 5: Aceitei, porém fui tentar o tratamento para melhorar. Não sofri preconceito, mas me sinto desconfortável pela falta de cabelos (Sic.)

Interlocutora 6: Não sofro. Mas claro que me olho ao espelho e não gosto do que vejo Já afetou. (Sic.)

Interlocutora 7: Hoje não mais. (Sic.)

Interlocutora 8: Afeta muita autoestima, estou muito triste! (Sic.)

Interlocutora 9: Ainda não pq está muito recente (Sic.)

Interlocutora 10: Difícil aceitação, principalmente na sociedade (Sic.)

Interlocutora 11: Sofro. Aceito ser portadora, mas não me conformo. Minha autoestima é profundamente afetada por isso e tenho muita vergonha do meu cabelo. (Sic.)

Interlocutora 12: É complicado, toda vez que cai um fio eu já quero chorar e me sinto desesperada por ver o cabelo ficando ralo. Meus amigos gostam de comentar sobre. Sim afeta muito (Sic.)

Interlocutora 13: Sofro preconceito por parte de colegas, piadas sobre como vou ficar calva, etc. É muito violento e afeta profundamente a minha auto-estima. (Sic.)

Nesse caminho das respostas similares, podemos pensar no conceito de identidade, subjetividade e autoestima nesse contexto das diferenças estéticas dessas mulheres, frente as micro violências, olhares e dizeres maldosos. Nesse sentido,

Os termos “identidade” e “subjetividade” são, às vezes, utilizados de forma intercambiável. Existe, na verdade, uma considerável sobreposição entre os dois. “Subjetividade” sugere a compreensão que temos sobre o nosso eu. O termo envolve os pensamentos e as emoções conscientes e inconscientes que

constituem nossas concepções sobre “quem nós somos”. A subjetividade envolve nossos sentimentos e pensamentos mais pessoais. Entretanto, nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significado à experiência que temos de nós mesmos e no qual nós adotamos uma identidade. [...] O conceito de subjetividade permite uma exploração dos sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade e do investimento pessoal que fazemos em posições específicas de identidade. Ele nos permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos a identidades particulares. (WOODWARD, 2014, p.39-40)

Nesse contexto, as mulheres aqui que participaram como colaboradoras voluntárias, criam resistências e voltam a ganhar poder a partir dos tratamentos médicos, mesmo diante da violência diária que afeta suas identidades e subjetividades quando falamos de autoestima. “Com a consciência dos padrões a que estão subordinadas, independentemente de concordarem com as expectativas relacionadas ao cabelo, as mulheres costumam criar estratégias para lidar com tais expectativas e obter poder” (SANTANA, 2014, p.138).

BREVE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse breve estudo elaborado a partir de um fórum/grupo localizado na rede social *Facebook*, que teve 13 colaboradoras voluntárias, mostra que, a rede construída por elas é extensa, que entre elas há uma auto-organização e preservação de si, de troca de afeto, carinho e ajuda. É através dessas redes de apoio que essas mulheres se organizam, algumas ganhando coragem para enfrentar a alopecia, outras nesse caminho.

Ao abordarmos o velho tema do padrão de gênero, ainda conseguimos perceber que ele perpassa o corpo e a identidade dessas mulheres, assim como vimos nos relatos delas. Independe do padrão imposto, vemos também que para essas mulheres o cabelo é mais que uma mera parte do corpo, ele é parte da identidade delas, como disse uma das interlocutoras, os cabelos são a moldura do rosto. Dessa forma, essas redes de apoio mostram que essa organização das mulheres de certo modo existe e é forte entre elas, e que também para muitas é necessário. Por fim, devo aqui agradecer a todas as mulheres que contribuíram para essa breve pesquisa, sou grato a todas!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDEL-MONEIM, SARAH GRUSSING. "O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético". In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, ano 10, p. 39-64, 1 semestre 2002. Tradução de Regina Borges e Dário Borim Jr. - Revisão de Claudia de Lima Costa. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/issue/view/317> > Acesso em: 20 de ago 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 14ª. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CALIL JÚNIOR, Alberto. "Uma Etnografia do Mundo Espírita Virtual: Algumas Aproximações Metodológicas". In: **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 10, n. 10, p. 117-136, outubro de 2008. Disponível em: < <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/issue/view/652> > Acesso em: 20 de ago 2022.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias: posfácio** de Daniel Defert. Tradução de Salma Tannus Muchail. – São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 41ª ed. – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

SANTANA, Bianca. Mulher, cabelo e mídia. In: **Revista Comunicare – Dossiê Feminismo**, v. 14, nº 1 (2014). – São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2014. Disponível em: < <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Mulher-cabelo-e-mídia.pdf> > Acesso em: 20 de ago 2022.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. "Etnografia On e Off-Line: Cibercafés em Trinidad". In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004. Traduzido do inglês por Soraya Fleischer Tradução revisada por Cornelia Eckert. Disponível em : < <https://www.scielo.br/pdf/ha/v10n21/20619.pdf> > Acesso em: 20 de ago 2022.

PEREIRA, Diana Filipe Soares Pereira. **Fitoterapia nos Cuidados Capilares: segurança e eficácia**. Orientador: Profª. Drª. Lígia Maria Ribeiro Pires Salgueiro Silva Couto. 2015. 36p. **Monografia realizada no âmbito da unidade de Estágio Curricular do Mestrado**

em Ciências Farmacêuticas (Mestrado) – Ciências Farmacêuticas, Faculdade de Farmácia, Universidade de Coimbra, Coimbra - Portugal, 2015. Disponível em: < https://eg.uc.pt/bitstream/10316/87717/1/M_Diana%20Filipe%20Pereira.pdf > Acesso em 20 de ago 2022.

WOODWARD, Kathryn. A identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15^a. ed. - Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014).*